



Para diminuir filas no terminal Butantã, a Prefeitura da Cidade Universitária testa o sistema de pré-embarque; obstáculos à mobilidade persistem em meio a estudos para uma futura linha de metrô dentro do Campus p.4

UNIVERSIDADE ECA e FFLCH recebem vagas para docentes, mas problemas continuam p.8

EM PAUTA

Atraso na graduação

Dificuldades psicológicas e de aprendizado estão por trás de trancamentos p.7

CULTURA

Arte também nas exatas

Escola Politécnica é ponto de encontro de cantores e dançarinos p.14

CRÔNICA

Chico: Um universitário de quatro patas p.16

CIÊNCIA

Enfim, um protetor solar para peles negras

Patente da USP atende demanda ainda ignorada pelo mercado p.13

Nesta edição: suplemento **claro!**



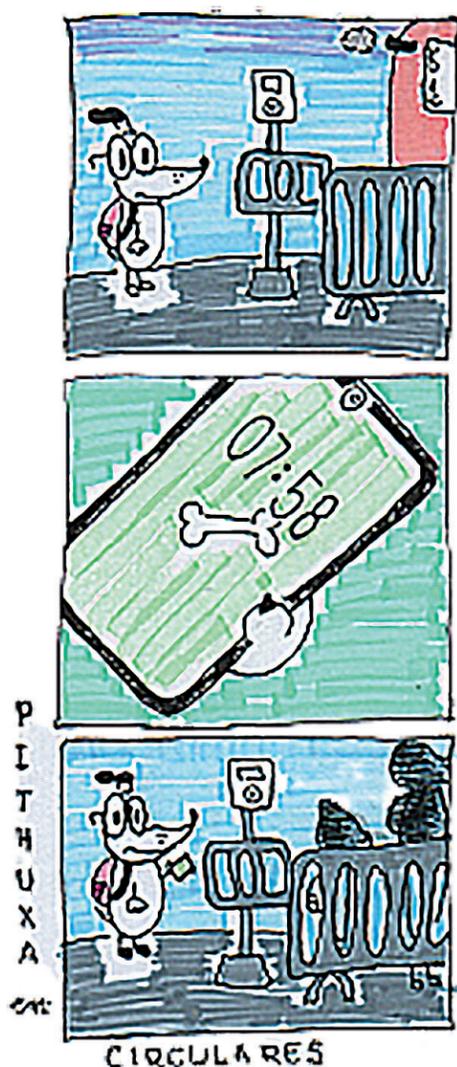
GABRIELE BATISTA BARBOSA DOS SANTOS
ALUNA DE EDUCOMUNICAÇÃO DA ECA/USP

EDITORIAL

Entre atrasos e atrativos

CHARGE

GABRIELE MELLO



A Cidade Universitária possui cerca de 3,7 milhões de metros quadrados. Nela transitam, em média, 100 mil pessoas por dia. Para que essa locomoção ocorra, os circulares, ônibus municipais cujo trajeto se dá dentro da USP e se estende até a estação Butantã do metrô, são essenciais. Além deles e de ônibus de linhas convencionais, já foram projetadas outras formas de transporte público dentro da Cidade Universitária. Desde os anos 1990, há discussões acerca da implementação de uma estação de metrô no campus, proposta que ainda resiste com a possibilidade da Linha-22 Marrom. A edição 536 do *Jornal do Campus* busca explorar as alternativas de transporte e o descaso com os circulares, principais responsáveis pela mobilidade dentro da USP. O JC entrevistou a prefeita do campus, Raquel Rolnik, a fim de trazer uma melhor compreensão sobre o transporte público dentro e fora da universidade.

Esta edição também buscou entender para onde estão indo as verbas do planejamento orçamentário – e expor as decisões da Universidade no que diz respeito à contratação dos professores, cuja falta resulta muitas vezes no atraso da formatura de estudantes de diversos cursos. A demora nas reformas do Conjunto Residencial da USP (Crusp) e a entrada de um segurança armado e despreparado na FFLCH foram outros exemplos de pontos de atenção tratados pelos repórteres. Mas as questões institucionais não são as únicas que têm contribuído para uma certa percepção de abandono, como podemos perceber pela crônica sobre os cachorros da Cidade Universitária.

Embora existam essas dificuldades, a Universidade ainda consegue abrir portas por meio de atividades culturais e pelo processo de internacionalização, como o intercâmbio de estudantes e de professores. Além disso, forma profissionais qualificados como Indianara Ramires, a primeira indígena mestre da USP, e atletas que alcançaram a elite do esporte.

Mesmo que sejam motivo de orgulho, os resultados positivos não apagam os problemas que os estudantes, docentes e funcionários enfrentam diariamente. A comunidade mostra que a USP tem capacidade de atingir o seu potencial completo com maior incentivo. O que mais é preciso para tê-lo?

No dia 30 de junho de 2023, o Conselho de Leitores do *Jornal do Campus* organizou um evento presencial para discutir a edição 535. Houve uma troca participativa, a partir das observações, críticas, elogios e dúvidas dos participantes. O contexto presencial trouxe importantes contribuições para a construção coletiva do jornal.

A passagem pela capa aponta o acerto das matérias escolhidas para debates dentro e fora da USP. Porém, mesmo com o impacto, a foto ilustrativa não representa a força da reportagem sobre os funcionários terceirizados. O texto, por sua vez, mostra como essa forma de contratação se expandiu para as áreas econômicas e faz parte da realidade brasileira.

É notável o desenvolvimento da diagramação e imagens das reportagens, fazendo a leitura ser mais fluida e objetiva. Um dos pontos de destaque da edição é o encarte “Claro!”, em seu conteúdo e apresentação visual chamativa.

A diversidade de assuntos tratados no jornal foi outra experiência positiva nessa edição, apresentando a matéria sobre inovações no tratamento do câncer e as contribuições da USP nas questões sociais. Em tom de curiosidade e humorístico, a matéria “Pedros na USP” enfatiza um misto de pertencimento e comicidade na vivência dos ingressantes.

O formato, design e temas do jornal possibilitam uma discussão ainda maior: como o *Jornal do Campus* acompanha realidades e editorias que estimulam a criticidade, informação e interação de quem convive nesse espaço universitário?

O conselho de leitores, formado por alunos do curso de educomunicação da USP, se despede por aqui. A partir da próxima edição, o espaço volta a ser destinado a um Ombudsman. Continuem mandando suas opiniões sobre o jornal no e-mail: jornaldocampus@usp.br.

SIGA E PARTICIPE!



/jornaldocampus

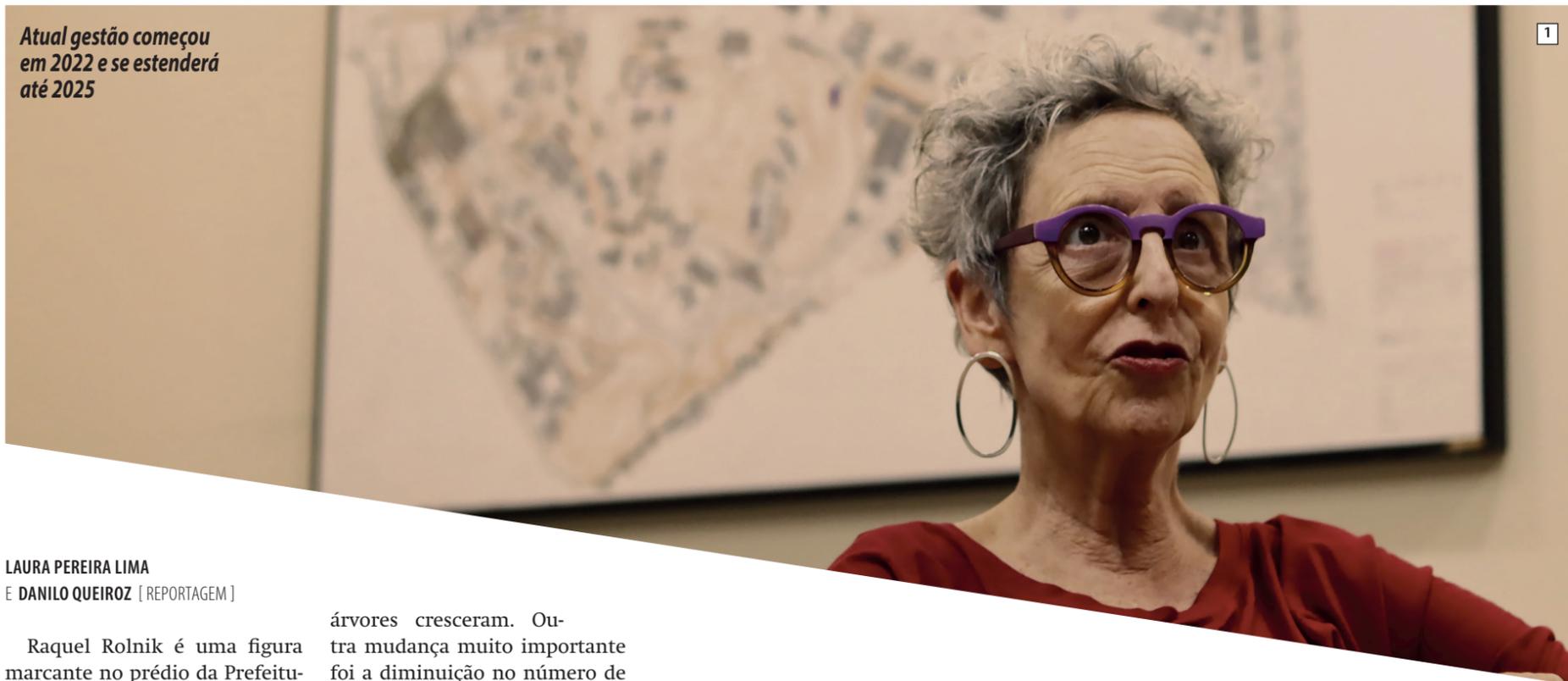
JORNAL DO
CAMPUS

▶ ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

“Muro na USP é a melhor forma de não resolver um conflito”, diz prefeita do campus

Crítica da segregação espacial, a urbanista Raquel Rolnik defende espaços abertos, retirada de catracas e criação de duas novas áreas de convivência na Cidade Universitária

Atual gestão começou em 2022 e se estenderá até 2025



LAURA PEREIRA LIMA
E DANILO QUEIROZ [REPORTAGEM]

Raquel Rolnik é uma figura marcante no prédio da Prefeitura da USP. Com óculos grandes e coloridos, a arquiteta, urbanista e prefeita do campus da capital se recusa a passar pela catraca instalada na entrada do prédio: “Sou muito convicta contra as catracas!”. Em um ato individual de rebeldia, ela opta por entrar pelo acesso lateral, reservado para transporte de carga.

Sua sala, decorada com um grande mapa da Cidade Universitária, reflete o apego que a professora sente pelo campus. É uma espécie de lar desde 1974, quando ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP. Na entrevista, Rolnik conversa com o JC sobre sua relação com a universidade, democratização dos espaços públicos e projetos desenvolvidos pela prefeitura.

JC: Desde a época da sua graduação até o momento em que assumiu a prefeitura do campus, quais as mudanças mais significativas na Cidade Universitária?

Raquel: Eu estudei aqui no começo do campus, nos anos 1970. Não tinha vegetação. Eu me lembro que, para chegar na FAU, você tinha que andar embaixo de sol ou de chuva. Hoje o campus é um parque, e você pode caminhar na sombra, porque as

árvores cresceram. Outra mudança muito importante foi a diminuição no número de carros e maior uso de transporte coletivo e bicicletas, além da implantação das ciclovias e das calçadas acessíveis.

JC: O questionário da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) mostrou que a USP é vista como um espaço adoecedor e elitista, que mais prejudica do que ajuda a saúde mental dos estudantes. Qual a relação entre os espaços e o bem estar?

Raquel: Olha, eu sou arquiteta. Se eu não acreditar no poder do espaço e do território, eu não vou acreditar na minha própria profissão. E eu posso dar um depoimento pessoal. Quem é estudante da FAU sabe o que significa entrar naquele prédio, que acolhe, que é aberto, que é iluminado. Então, eu acredito que o espaço e a forma como ele é organizado interferem muito na vida e na saúde, tanto física quanto mental. Além disso, é fundamental que as pessoas se sintam seguras. E, ao contrário do que muitos pensam, as pessoas não vão se sentir seguras atrás de muros altos, grades, câmeras, controle de vigilância, mas sim quando estiverem em um espaço permanentemente iluminado, aberto, com muita gente passando.

“Se eu não acreditar no poder do espaço e do território, eu não vou acreditar na minha própria profissão”

Raquel Rolnik, professora da FAU e prefeita da Cidade Universitária

JC: Você avalia que essa presença massiva de iniciativas de privatização dos espaços na universidade, como as catracas, os muros e os portões, tem desconfigurado a relação do que de fato é uma Cidade Universitária?

Raquel: Eu venho da FAU, na FAU não tem nem porta, quanto mais catraca. Eu duvido que tenha mais roubo na FAU do que em outros lugares. Deve ter tanto roubo quanto. Mas não dá para ignorar os ataques às propriedades e às pessoas, os sequestros, os roubos de bens, a violência. Acabamos de passar por um governo federal promotor da violência e estamos num cenário socioeconômico de muita concentração de renda, em que tem muita gente numa situação absolutamente precária. Essas pessoas vêm nas formas ilícitas de apropriação uma maneira de sobrevivência. Não dá para fingir que não vivemos isso. Entendo e respeito as demandas por segurança que temos na Universidade, entendendo as unidades que têm colocado catracas. Mas eu acho que é possível progressivamente conquistar um espaço público aberto e seguro para todos e todas. Muro é a melhor forma

que você tem de não resolver um conflito.

JC: Quais são os projetos em que a prefeitura do campus tem trabalhado atualmente?

Raquel: Um projeto importante é a criação de dois centros de convivência aqui no campus: um entre a FFLCH e a Química e outro na Praça do Relógio. Finalmente! Serão espaços cobertos, com banheiro, bebedouro, internet, mesas e cadeiras. Nelas, você vai poder bater papo, fazer trabalho, descansar. Os espaços comuns vão deixar de ser apenas para circulação e se tornar um espaço de permanência e convivência, melhorando a vida no campus, que vai muito além de estudar. Eu vejo o campus como um grande laboratório para pensar o que pode ser a cidade do futuro. É uma pena não aproveitarmos isso. Por isso, também vamos dividir as lixeiras em material reciclável e não reciclável. Hoje, não há separação. Vamos implantar na São Remo um galpão de reciclagem e um escritório da USP, para poder tratar da relação da comunidade com a Universidade, as melhorias urbanísticas, principalmente.

► MOBILIDADE

PRÓXIMA PARADA...

Cidade Universitária?

Dificuldades de acesso e locomoção na USP são problemas antigos. Novo embarque do circular melhorou atrasos, mas não resolveu lotação

CLARISSE MACEDO, GABRIEL EID,
GABRIEL TAVARES E THAÍS MORAES
[REPORTAGEM]

O despertador toca. Gustavo Mendes, estudante de engenharia química, acorda às 4h30 da manhã e pega um ônibus às 5h até a estação Portuguesa-Tietê, da linha 1-Azul. Depois, vem uma baldeação para a Linha Amarela, a caminho do terminal Butantã, onde ainda pegará um circular para estar na aula às 7h30. São aproximadamente duas horas de viagem desde sua casa em Guarulhos até a Cidade Universitária. Para Gustavo, a volta é pior, quando ele é obrigado a ficar até tarde fazendo hora na USP, apenas para fugir do horário de pico no transporte.

A cena de circulares lotados e filas dando a volta no terminal Butantã já se tornou uma tradição diária na universidade. No mês de agosto, essa rotina foi impactada por uma mudança: a implantação de um sistema de pré-embarque nos circulares que saem do terminal, iniciativa da Prefeitura da Cidade Universitária. A medida foi anunciada como um teste, visando agilizar o embarque dos passageiros nos ônibus.

Quem frequenta o terminal, no entanto, verifica que a realidade é diferente. Ao longo do último mês, a reportagem do **JC** acompanhou por diversos dias a baldeação metrô-circular na estação Butantã. As filas, agora, são delimitadas por gradis móveis – que quase caem do meio fio quando o número de passageiros é grande – e incluem catracas antes do embarque, que ocorre pela porta traseira.

A princípio, as duas linhas de circulares que adotaram o sistema (8012-10 e 8022-10) mantinham a proibição de entrada pela frente.

O resultado eram circulares ainda lotados, mas apenas na parte de trás; a frente ficava livre para o embarque de novos passageiros nos pontos seguintes. Após reclamações, apenas o 8012 voltou a permitir a entrada pelas duas portas. Tudo isso apenas no horário de pico, entre 7h e 9h da manhã.

Um trabalhador da empresa que opera os circulares conta que o embarque pela parte traseira se justifica pelo trajeto da linha 8022-10. Ela passa pelo ponto em frente à saída de pedestres da estação Cidade Universitária, da linha 9-Esmalada da CPTM. Ali, o volume de pessoas embarcando seria suficiente para ocupar toda a porção dianteira dos ônibus.

A lógica parece não fazer sentido para todos. Durante a apuração desta reportagem, a equipe do **Jornal do Campus** presenciou um início de discussão entre a cobradora do 8022 e o professor Amauri Cesar de Moraes, da Faculdade de Educação. O docente se queixava: “Fica metade do ônibus vazio”. Também há questionamentos sobre os efeitos que um sistema de pré-embarque como esse pode ter para os trabalhadores de transporte. Uma trabalhadora do circular ouvida pelo **JC**, que preferiu não ser identificada, demonstrou receio do sistema ser motivo para demissão de cobradores: “Se tirar a catraca, tira a gente. Vocês querem me tirar? Vão ter que comprar balinha na minha mão”.

Gustavo, estudante citado no início da reportagem, afirma que com o sistema de pré-embarque a fila anda mais rápido, mas o problema da lotação continua. Para ele, um problema da entrada pelos fundos é que muitas pessoas ficam paradas na porta para descer

nos primeiros pontos dentro da USP, o que acaba congestionando a passagem. “Eu não achei uma solução muito viável.”

Já aconteceu de eu ficar 40 minutos no ponto, sem passar nenhum circular

*Gustavo Mendes,
aluno da Poli - USP*

Luisa, estudante de Arquitetura da FAU, também afirma que o grande problema do novo sistema é a proibição da entrada pela frente. Ela conta que começou a pegar o 8032-10 apenas porque ele não adota o sistema de pré-embarque. “Tudo bem o 8022-10 [que passa no ponto da CPTM] não permitir a entrada pela frente, mas não tem sentido o 8012-10 fazer isso.”

AUMENTO DE FROTA As linhas 8012-10 e 8022-10 dos circulares foram inauguradas em fevereiro de 2012, menos de um ano depois da inauguração do metrô Butantã, em 2011. A linha 8032-10 começou a funcionar bem depois, em maio de 2019. Para a estudante de História Lara Gomes, que ingressou na faculdade naquele ano, a criação da nova linha foi um desafio para a lotação, mas não chegou a resolver o problema.

Lara sugere que a melhor solução seria aumentar a frota de circulares, o número de ônibus articulados e a frequência de partidas. “Saindo do meu trabalho, gasto menos tempo para chegar

40 minutos de espera no ponto

“Aguardo até 19h30 para fugir do horário de pico”





Embarque na linha 8012 às 7h30 saindo da estação Butantã do metrô

de metrô ao terminal Butantã do que gasto esperando na fila [do circular]. E o tempo para chegar até a FFLCH, depois de embarcar, é curto. A questão é justamente o gargalo no terminal”, relata. Ela conta ainda que o mesmo problema – a frota de ônibus insuficiente para o número de passageiros da USP – se repete nos demais portões do Campus, o P2 e P3, acessos para a Vila Indiana e Rio Pequeno, respectivamente.

A estudante da FFLCH mora a poucos minutos de distância do P3. “Mas entre as 18h e as 19h quase não sai ônibus dali. No semestre passado, uma senhora teve que ir até a cabine [dos funcionários] e bater no vidro para acelerar”. O horário apontado por ela coincide com o período apontado por Gustavo como o mais difícil para pegar os circulares. O estudante costuma tomar o circular 8022-10 no ponto das Químicas para voltar para casa, e já ficou quarenta minutos esperando pela condução.

Assim como Lara, Gustavo acredita que a melhor solução seria o aumento da frota. Porém existe o questionamento se isso não poderia gerar um efeito em cadeia de acúmulo de ônibus e falta de espaço no terminal Butantã, próximo ao P1. Uma cobradora entrevistada, que preferiu não ser identificada, explicou que o P3 tem capacidade para vários ônibus, mas o terminal da estação não teria esse suporte.

METRÔ Em julho de 2023, a Prefeitura da Cidade Universitária anunciou a elaboração do anteprojeto da Linha 22-Marrom do Metrô, que prevê uma estação dentro da cidade universitária e duas próximas de portarias. Em breve as sondagens no terreno do campus terão início.

O projeto de uma linha de metrô dentro da USP é antigo e envolve questões polêmicas, como a escassa comunicação entre o projeto urbanístico da Cidade Universitária e o restante da cidade. Flávio Fava de Moraes, reitor da USP entre 1993 e 1997, concedeu entrevista para o *Jornal da USP* em 2017, quando afirmou que o projeto perturbaria o conceito de campus universitário: “Seria imperceptível o que é o campus e o que é a cidade”.

O professor Amauri Cesar de Moraes, ouvido no início da reportagem, aponta que a rejeição a um projeto de metrô dentro da USP pode advir de uma visão elitista da Universidade: a de que o Campus seria um espaço separado do restante de São Paulo, e

não um ambiente público de livre circulação dos paulistanos.

O mais perto que a USP chegou de uma estação em seu Campus foi com a Cidade Universitária da Linha 9 - Esmeralda da CPTM, inaugurada em 1981 e atualmente administrada pela Via Mobilidade.

De repente, em 10 anos teremos uma estação de metrô dentro da USP

*Raquel Rolnik,
Prefeita da Cidade Universitária*

No entanto, o projeto nunca resolveu o gargalo de transporte na USP, porque é necessário atravessar a ponte Cidade Universitária, sobre o Rio Pinheiros, para chegar até o trem.

Além disso, a Linha 9 - Esmeralda é conhecida por falhas frequentes, e a passarela de pedestres é marcada por problemas de segurança, especialmente no período noturno. Tendo isso em vista, quando a atual Linha 4 - Amarela do Metrô estava sendo projetada, novamente se falou sobre a possibilidade de uma estação dentro da USP.

A ideia, que nunca chegou a ser colocada no papel, foi vetada porque, segundo a Secretaria de Transportes Metropolitanos, o projeto prejudicaria a integração com os corredores de ônibus das avenidas Francisco Morato e Raposo Tavares, o que seria algo fundamental para a concepção da linha.

Em entrevista ao JC, a Prefeita da Cidade Universitária Raquel Rolnik (leia na pág. 3) explica que um dos diferenciais de sua gestão é o diálogo do campus com o Metrô de São Paulo, para realizar estudos sobre a implementação da Linha 22 - Marrom. Segundo ela, apenas uma estação metroviária resolveria a questão da mobilidade na USP: “Nunca o sistema de ônibus vai poder atender a intermodalidade com o metrô, que tem dez vezes a eficiência de um circular. Não temos, e nunca teremos, essa capacidade de transportar até o campus todos aqueles que chegam de metrô. Por isso a nossa luta pela Linha Marrom”.

Questionada sobre quando o projeto será concretizado, Raquel ri constrangida: “De repente, daqui 10 anos teremos uma estação aqui”.

“Evito as linhas com pré-embarque”



Proposta orçamentária de 2023 prevê 81% dos recursos para o pagamento de salários na USP. Veja ainda quanto cada Campi vai receber ao longo do ano

DANILO QUEIROZ E
NATHALIE RODRIGUES [REPORTAGEM]

Os dados levantados via Portal da Transparência da USP estimam que a receita prevista para 2023 é de cerca de 8,5 bilhões de reais. Desse valor, quase 7,5 bilhões serão destinados ao pagamento de dívidas. A maior parte inclui salários (6,15 bilhões de reais, ou 81% do orçamento, abaixo dos 85% estipulado pela Resolução nº 7783 de 2019 que define os Parâmetros de Sustentabilidade Econômico-financeira da Universidade.

Cerca de 1,38 bilhão deverá ser destinado a investimentos e outras despesas do orçamento, além dos 26 milhões destinados ao pagamento de indenizações estipuladas pela justiça. Outros 7 milhões vão para a reserva orçamentária para imprevistos.

Segundo Márcio Moretto, membro da diretoria da Associação de Docentes da USP (Adusp), professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, a porcentagem comprometida com a folha de pagamento não é alta em comparação ao orçamento dos anos anteriores.

De acordo com o informativo nº 84 publicado pela Coordenadoria de Administração Geral da Universidade de São Paulo (Codage), em 2014,

o comprometimento chegava a cerca de 110%. Em 2017, a proporção alcançou 100%, com nova queda gradativa até 2019, devido a estipulação dos Parâmetros de Sustentabilidade Econômico-financeira. Durante o isolamento social até o início de 2022, o comprometimento chegou na marca mais baixa de 65%, e desde então vem aumentando de forma discreta.

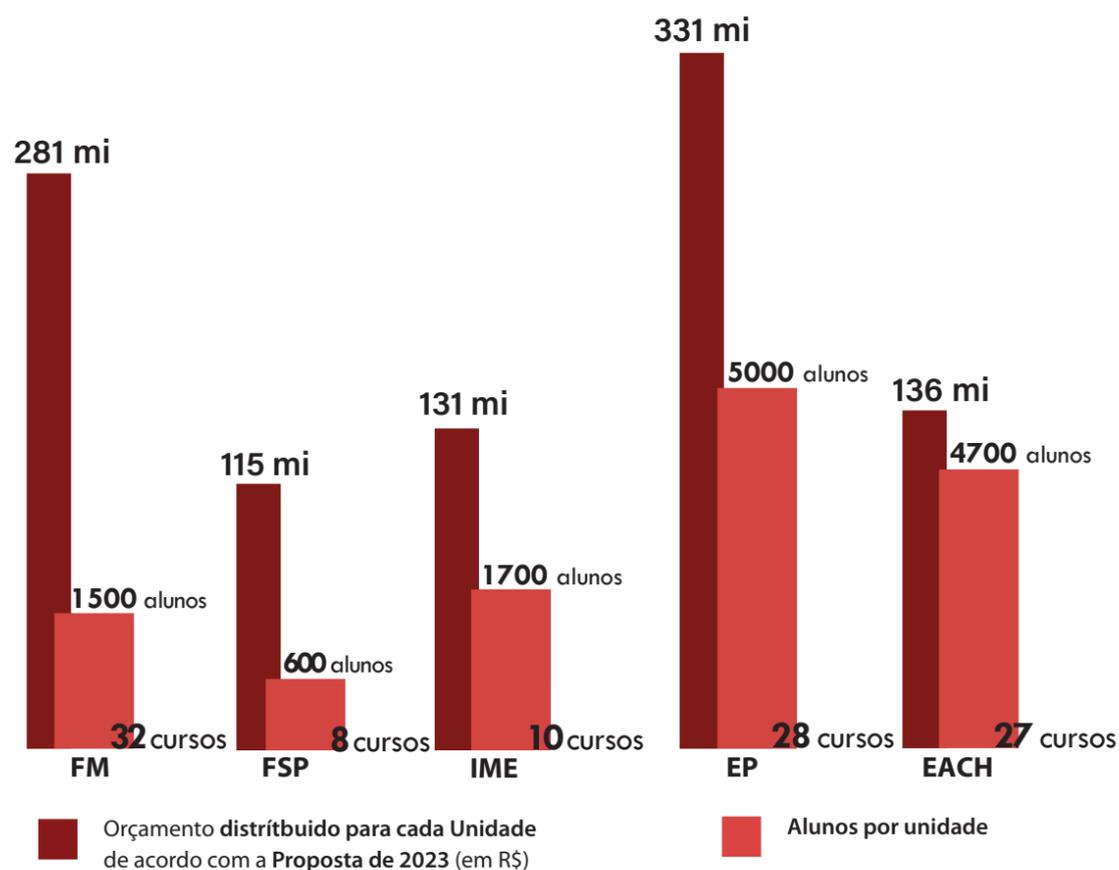
Os valores totais são divididos entre as unidades de ensino. O campus da capital – que engloba as unidades da Cidade Universitária, Quadrilátero da Saúde, Largo de São Francisco e da USP Leste – recebe quase 67%. Outros 17% vão para Ribeirão Preto e 9% para o campus de São Carlos. Os outros quatro campi (Bauru, Lorena, Piracicaba e Pirassununga) ficam com os 7% restantes.

Em relação às faculdades e institutos, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), a Escola Politécnica (POLI) e a Faculdade de Medicina (FM) acumulam os maiores orçamentos. Nesses casos, nem sempre o total de estudantes é a única grandeza considerada na divisão.

Na próxima edição, vamos mergulhar nas diferenças de gasto por aluno em cada unidade de ensino.

Dividindo o *dinheiro*

O orçamento de algumas Unidades da USP de acordo com a Proposta Orçamentária de 2023



FONTE: PORTAL DA TRANSPARÊNCIA USP [DADOS]

NA ECA, TRAJETÓRIAS ILUSTRES — e agora diversas

Semana de Recepção busca redenção ao organizar novo evento que celebra carreiras de ex-alunos

MELANNIE SILVA [REPORTAGEM]

Após receber críticas pela ausência de diversidade no evento “Ecanos Ilustres” na recepção dos calouros no início do ano, a Semana de Recepção da ECA (SDR) organizou no dia 14 de agosto o evento “Trajetórias Ecanas Ilustres”, que buscou apresentar aos estudantes da Escola de Comunicação e Artes

trajetórias de sucesso de ex-alunos, dessa vez levando em conta a diversidade étnica e racial dos convidados.

O evento contou com a presença de seis ecanas: Karenina Arch, estudante de artes cênicas; Rafael Ilhara, jornalista; Renato Candido, diretor de cinema e doutor em meios e processos audiovisuais; Rosane Borges, jornalista e doutora

em ciências da comunicação; Christiane Silva Pinto, comunicóloga; e Ricardo Sales, pesquisador na ECA.

Em entrevista ao **JC**, Gustavo Teles, estudante do primeiro ano de relações públicas na ECA, membro do coletivo Opá Negra e mediador do evento, relata que se sentiu desconfortável no evento da SDR no início do ano. Como aluno preto,

não havia referências que pudessem inspirá-lo.

Para o estudante, o “Trajetórias Ecanas Ilustres” não teve o mesmo impacto que a Semana de Recepção deste ano, mas foi um momento de reparação. “A proposta da Opá era que o evento fosse focado nas carreiras e realizações dos convidados e não nas suas dificuldades”, explica Teles.

Em nota a SDR declarou que a ideia da programação surgiu após as críticas feitas pelos alunos no início do ano. “Não conseguimos resolver antes do evento [ex-ecanos ilustres da SDR] pelo curto espaço de tempo”.

A Semana de Recepção ainda reforçou o compromisso de garantir que a próxima semana de recepção represente todos os grupos que fazem parte da ECA.

▶ SAÚDE MENTAL

Atraso na graduação:

o que isso diz sobre as universidades?

Retenção de alunos e trancamento de matrículas pode ser indicativo de dificuldades educacionais e psicológicas

CAMILLA ALMEIDA E LORENA CORONA
[REPORTAGEM]

“Estava com o curso atrasado e não consegui procurar ajuda dentro da universidade. Cheguei a ter a matrícula cancelada”, relata Edilaine de Macedo da Silva, aluna do curso de Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP. A chamada retenção de alunos acontece quando os estudantes levam mais tempo que o necessário na graduação. O sonho de pegar o diploma geralmente é atrasado por questões psicológicas ou financeiras.

A jovem, que ingressou na EACH em 2017, deveria ter concluído o curso no primeiro semestre de 2021, mas só o completará no ano que vem. Sua turma se formou em 2022, também com atraso devido a pandemia de Covid-19.

Segundo Edilaine, o cronograma de aulas não foi o maior problema. “A questão que me atrasou foi a ansiedade”, afirmou. Como Edilaine contou ao **JC**, apesar de ter sido informada sobre as políticas de apoio ao aluno, ela não conseguiu dar andamento a sua formação, conseguindo reativar sua matrícula apenas no meio deste ano.

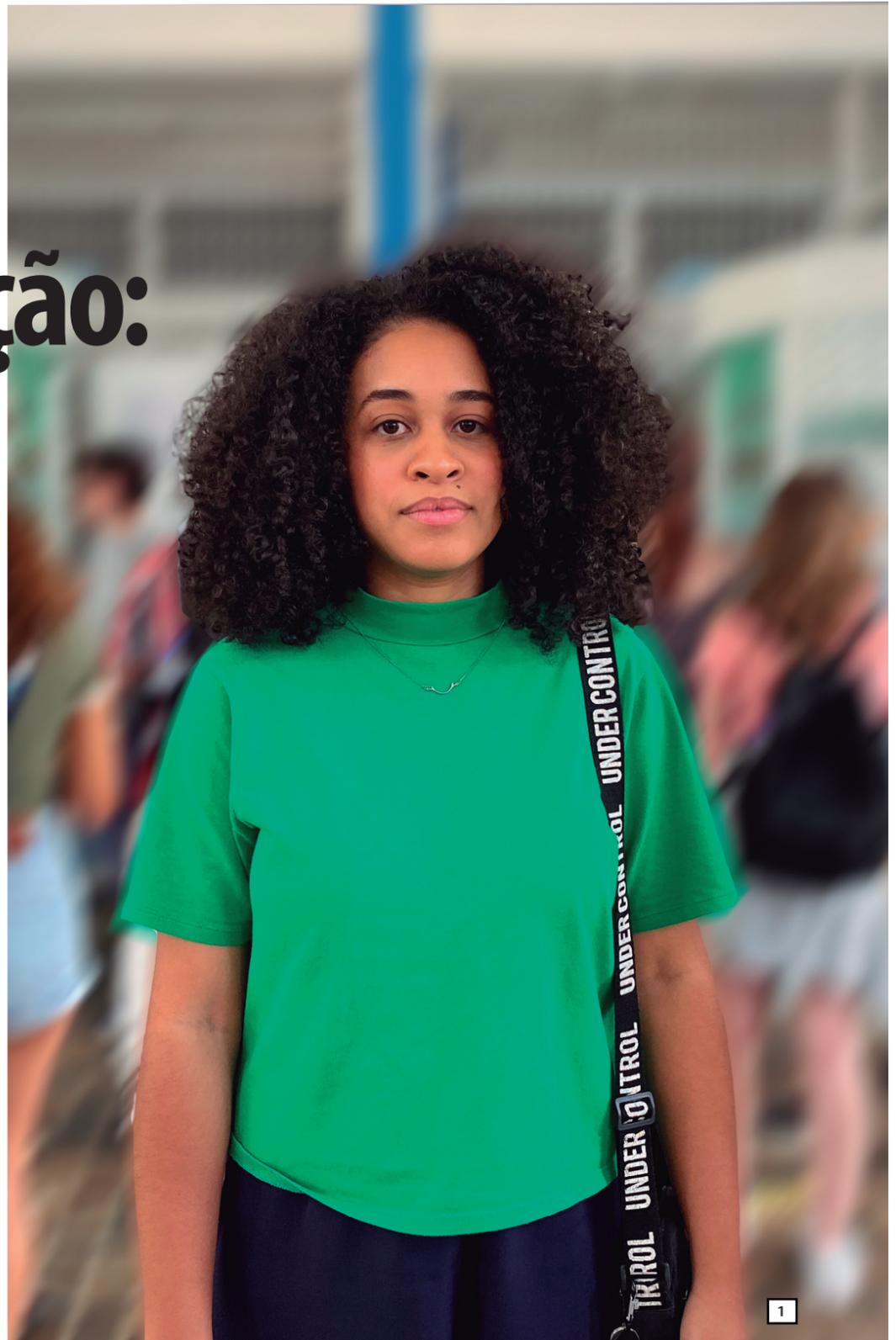
Verônica Emerick, ingressou na Escola Politécnica em 2020. A estudante se transferiu de Engenharia Mecânica para Engenharia Química e teve sua graduação atrasada em um ano devido a mudanças no calendário de aulas, já que o segundo curso detém uma abordagem quadrimestral, o que não acontece com o primeiro. “No final

do meu segundo ano, optei por fazer a transferência e enfrentei dificuldades em várias disciplinas, o que resultou em DPs (dependências) em algumas delas”, contou a aluna.

O problema não é exclusivo da USP e afeta instituições de ensino superior em todo o país. Uma pesquisa realizada pela Comissão Permanente de Saúde Mental da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) revelou que 59,6% dos trancamentos de matrículas de matérias dentro da Faculdade de Medicina da universidade se dão em razão de sofrimento psíquico.

Outro estudo elaborado pelo departamento de Psicologia Organizacional e do Trabalho Universidade Federal da Bahia (UFBA) com alunos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) mostrou que a saúde mental dos graduandos afeta diretamente sua situação acadêmica. A comparação com colegas, experiências acadêmicas negativas e a dificuldade de aprender são premissas para a identificação de sintomas depressivos e ansiosos entre os discentes.

Pesquisadora da área da educação, Sylvia Gemignani, professora da FFLCH, diz que a própria ideia de “período ideal” desconsidera os múltiplos fatores que interferem na trajetória do estudante durante a graduação. “O nome já pressupõe uma igualdade de condições. Ele só poderá ser real para aqueles estudantes cujo percurso escolar ou acadêmico tem as condições supostas nas próprias regras e parâmetros da Universidade, que historicamente é uma instituição



Edilaine de Macedo da Silva,
aluna da EACH-USP

Além de expandir as bolsas de auxílio financeiro, a universidade deveria estabelecer medidas de suporte para alunos que possuem dificuldades devido a deficiências em suas bases educacionais

Verônica Emerick,
aluna da Poli-USP

que tinha uma homogeneidade social excludente”.

Apesar do perfil do estudante universitário ter se tornado mais heterogêneo a partir da implementação da Lei de Cotas de 2012 e outras políticas de acesso ao ensino superior, a professora destaca a manutenção de determinadas práticas que não refletem necessariamente as necessidades desse novo público - como por exemplo, as medidas que privilegiam os alunos que podem se dedicar exclusivamente e de maneira integral aos seus interesses acadêmicos. “Existe uma tendência geral de competição dentro do sistema científico internacional”, diz a professora. “Quanto

mais inserida nesse cenário, mais a universidade irá exigir do corpo discente e docente, sobrando menos espaço para compreensão das dificuldades de permanência”.

Diante desse cenário, a professora destaca a importância das políticas de permanência como instrumento de reparação de desigualdades educacionais sistêmicas. “Muitos alunos irão se sentir despreparados para as exigências científicas e acadêmicas de seus cursos. Isso é um problema muito maior e é uma pressão que se instaura nas graduações como um todo. É preciso entender que não basta realizar a matrícula porque é aí que tudo começa”, finaliza.

▶ FALTA DE DOCENTES

Artes visuais, a mais recente vítima

11 oferecimentos de disciplinas cancelados;
falta de professores também afeta
outras graduações e solução pode levar anos

ELAINE ALVES, FELIPE VELAMES E
GUILHERME CASTRO [REPORTAGEM]

Foi um choque. No dia 31 de julho, uma semana antes do início do 2º semestre letivo de 2023, os alunos do curso de Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP descobriram que 11 disciplinas da sua grade curricular haviam sido canceladas por falta de docentes.

Isso aconteceu após a Reitoria negar a prorrogação dos contratos de três professores temporários, decretando o fim do vínculo estabelecido no 1º semestre com esses docentes. A partir de janeiro de 2023, o órgão passou a aderir às diretrizes estabelecidas na Lei Complementar Estadual nº 1.361, datada de 21 de outubro de 2021. Agora, a contratação de um docente temporário só é possível em situações específicas: quando há um processo seletivo em andamento para contratar um professor efetivo, durante licenças médicas prolongadas, licenças maternidade ou paterni-

dade, ou para substituir um docente em pós-doutoramento no exterior com duração superior a seis meses.

Outras 11 disciplinas do curso também estão desassistidas para o primeiro semestre de 2024, de acordo com dossiê coordenado pela professora Silvia Laurentiz, chefe do Departamento de Artes Plásticas (CAP).

Foi nesse contexto que estudantes de Artes Visuais organizaram um ato, no dia 9 de agosto, durante a reunião do Conselho Técnico-Administrativo (CTA) da ECA. Eles reivindicavam a contratação de novos professores e denunciavam o desmantelamento dos cursos de Artes. O CTA é o órgão responsável pela deliberação sobre afastamento e dispensa de servidores técnico-administrativos e a criação de cargos e funções docentes.

Durante a manifestação, os alunos apresentaram uma carta pública em defesa do curso, elaborada por docentes, discentes e servidores técnico-admini-

nistrativos do CAP. O documento apresenta dados que enfatizam a importância do curso no contexto nacional. A graduação em Artes Visuais foi a 12ª mais procurada no vestibular Fuvest 2023, com 30,8 candidatos por vaga.

Em 11 de agosto, o CTA, em publicação no site da ECA, manifestou apoio à carta pública. Entretanto, Nike Krepischi, aluna no 8º semestre do curso de Artes Visuais afirma que o CAP ainda está no aguardo de uma devolutiva concreta da Diretoria quanto ao futuro do curso de Artes Visuais. “E mesmo se conseguirmos professores, outros departamentos e institutos vão continuar precisando. Por isso, a ideia das próximas mobilizações é não deixar o movimento morrer”, comenta.

MEDIDAS EMERGENCIAIS

A falta de contratação de docentes não é algo exclusivo do CAP, conforme revela a situação dos cursos de Obstetrícia, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), e Letras-Japonês, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, casos noticiados pelo **JC** na Edição 534, em junho de 2023. Outra vítima dessa situação é a Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Um informe dos Representantes Discentes declarou que a falta de docentes poderia afetar a disponibilidade de disciplinas obrigatórias. De acordo com dados do Portal de Transparência da USP, entre setembro de 2022 e julho de 2023 a FEUSP perdeu 25 docentes no total.

Para evitar o atraso na formação dos alunos, a Comissão

Sem aulas, Laboratório de Modelagem e Fabricações Digitais do CAP vive vazio



de Graduação diminuiu a quantidade de disciplinas optativas disponíveis para a graduação de Pedagogia da FEUSP neste semestre. Segundo Jaqueline Ortiz, estudante do 2º semestre do curso, para que não houvesse o cancelamento de matérias obrigatórias, os professores que lecionavam algumas disciplinas optativas foram transferidos para as obrigatórias. “A USP, de modo geral, está passando por um sofrimento lento e contínuo por falta de professores”, aponta a aluna.

Segundo Pablo Fernando Gasparini, chefe do Departamento de Letras Modernas da FFLCH, o remanejamento de professores “leva a uma sobrecarga do trabalho dos

docentes que afeta em grande parte suas outras obrigações, especialmente pesquisa e orientação de projetos, itens que costumam ser os mais cobrados pela Capes na hora de avaliar os programas de pós.”

Mas, para a professora Silvia Laurentiz, a sobrecarga gerada não é o que mais a preocupa no curso de Artes Visuais. “Temos gravura, pintura, escultura, multimídia, fotografia, desenho e História da Arte. Como vou remanejar a professora de História da Arte Contemporânea para oferecer uma disciplina de fotografia digital?”, indaga.

UM PROBLEMA HISTÓRICO Além da perda de docentes, a USP também passou por mudanças no número de estudantes na graduação. Entre 1995 e 2022, houve um aumento de 33.479 para 60.120 graduandos, enquanto a quantidade de professores passou de 5.056 para 5.151. Ou seja, o aumento de 79,6% no quadro discente ao longo dos quase 30 anos não foi acompanhado de forma proporcional pelo número de docentes, que cresceu apenas 1,9% no mesmo período.

Mas por que ocorre esse congelamento na contratação de novos docentes? Michele Schultz Ramos, presidente da Associação de Docentes da USP (Adusp), acredita que a falta de contratações pode ser explicada por uma intenção da reitoria em adotar o ensino à distância (EaD).

“O que nos preocupa aqui na Adusp é o apelo da reitoria pelas videoaulas, porque isso interfere na qualidade do ensino de cursos que foram idealizados de forma presencial”, afirma a docente, que destaca o caso da Medicina da USP de Bauru, que recorreu às videoaulas por falta de docentes ao final de 2022.

Questionada, a Assessoria de Imprensa da USP negou a interpretação da docente, disse que não há planos para ampliar o EaD e que o ensino online não traria economia.

Aluna discursando em ato organizado por estudantes de Artes Visuais



Manifestação do dia 9 de agosto exigiu contratação de professores

Temos gravura, pintura, escultura, multimídia, fotografia, desenho e História da Arte. Como vou remanejar a professora de História da Arte Contemporânea para oferecer uma disciplina de fotografia digital?

Silvia Laurentiz, chefe do Departamento de Artes Plásticas

BUROCRACIA E LENTIDÃO

Como mostram dados do Portal de Transparência da USP, de 2014 até 2023, houve um déficit de 1.039 docentes efetivos na universidade. Para solucionar essa questão, o reitor Carlos Carlotti prometeu, em recentes entrevistas, conceder 876 vagas para repor esses docentes, que estão sendo distribuídas para todas as Unidades. Esse processo foi dividido em três fases até 2025. Desse total, 27 foram destinadas à ECA, aproximadamente 3% das vagas. Na FFLCH, outro instituto que também é constantemente afetado pela falta de docentes, conforme noticiado pelo **JC** em edições passadas, houve uma antecipação de 35 vagas para claros docentes.

Em entrevista ao **Jornal do Campus**, o professor Claudemir Viana, presidente da Comissão de Graduação da ECA e da Comissão de Claros Docentes (CCD) da ECA, contou que a regra para distribuição de vagas para toda a USP corresponde à reposição de até 80% do que cada departamento tinha em 2014. O docente aponta que, mesmo após a conclusão dos processos de contratações em 2025, faltarão os 20% de docentes em relação a 2014 e aqueles que a Universidade perdeu de 2022 em diante.

A lentidão desse processo de contratação está ligada não

somente a questões administrativas, como também burocráticas. Um processo que demora meses e até mesmo anos se inicia com a abertura de uma vaga para professor da USP, envolvendo tanto a administração interna quanto a do restante do Estado de São Paulo. Desde a abertura de concurso, a realização de exames médicos, aprovação dos trâmites em diferentes instâncias e todas as partes essenciais para admissão de um docente, qualquer falha administrativa pode atrasar ou inviabilizar o processo.

PERSPECTIVAS IMEDIATAS

No dia 21 de agosto, foi anunciada a criação de uma comissão interna para tratar da distribuição de novas vagas para docentes entre os Departamentos da ECA. Dezoito das 27 contratações foram adiadas, conforme decisão da Reitoria da USP.

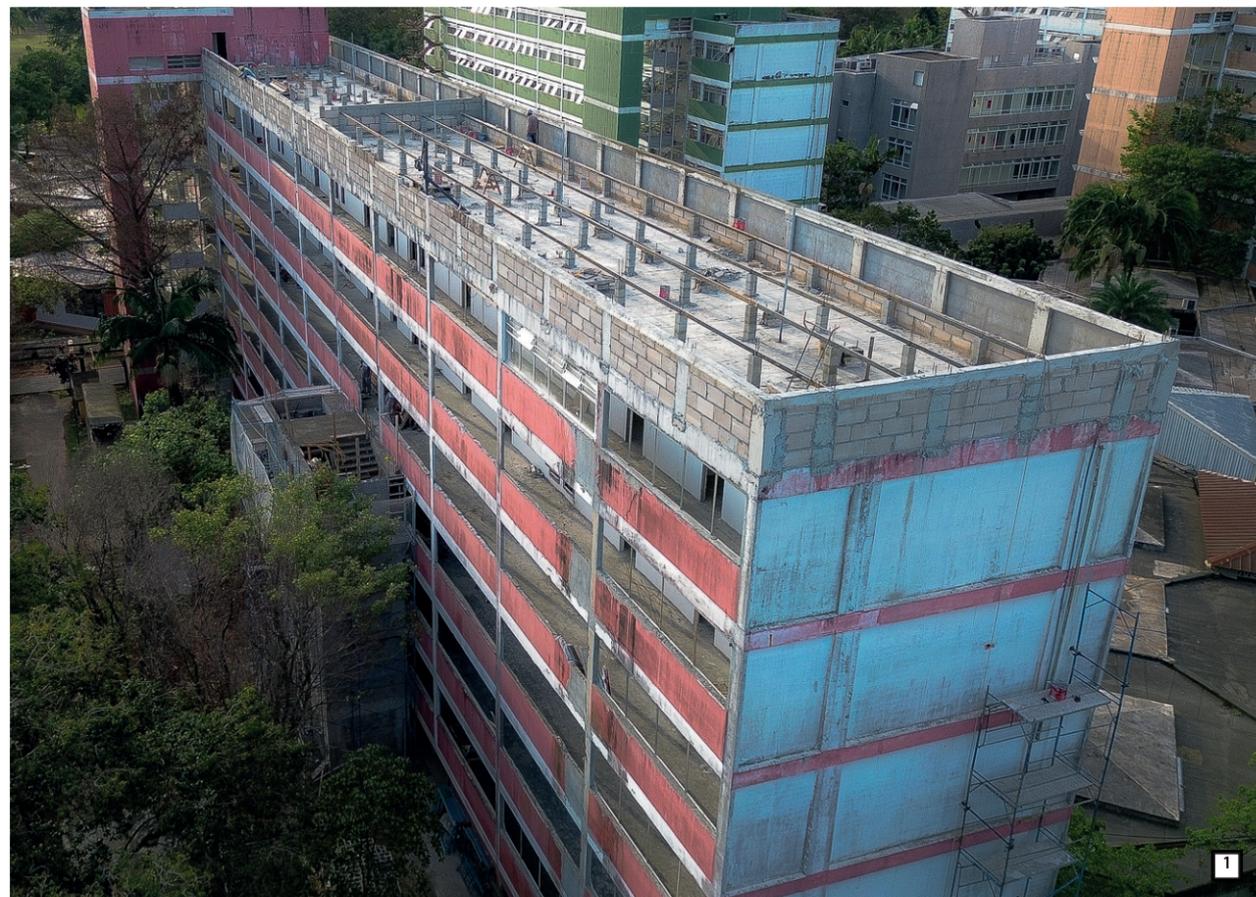
Para Claudemir Viana, a falta de professores é sentida de maneira desigual entre os institutos. Em um país como o Brasil, cujas bases econômicas dirigem-se à agroexportação, o professor sugere que disciplinas que servem de apoio a esse setor da economia são beneficiadas pelas elites, enquanto outras ciências são negligenciadas.

“Essa é uma adversidade que se encaixa num quadro geral de desvalorização das Ciências Humanas e da Educação, um problema que está ligado à estrutura da sociedade brasileira”, completa o docente.

▶ ATUALIZAÇÃO: NÃO ATUALIZADA

ATRASADA, REFORMA DO BLOCO D DO CRUSP NÃO CHEGOU À METADE

Apesar da extensão de R\$ 3,5 milhões no orçamento, apenas 40% da obra está finalizada



Em registro de drone, vista aérea do Bloco D do CRUSP pode ser observada a estrutura de concreto.

DANILO QUEIROZ [REPORTAGEM]

Há cinco anos, tramitam os processos burocráticos para a realização da reforma do bloco D do Crusp, um entre os oito blocos que compõem o conjunto residencial estudantil. Mesmo com avanços, a reforma está longe de terminar. A mudança mais visível foi a adição da estrutura de concreto nos primeiros andares, que vai servir como elevador para pessoas com deficiência. A estrutura funciona como um regulador da obra. Ainda há três andares em obras, quanto mais próximo da cobertura do prédio, mais próximo da entrega da reforma.

Apesar do orçamento ter passado de pouco mais de 4 para 7 milhões e meio de reais, as obras seguem sem previsão de término. O prazo de entrega deveria ter sido em 10 de agosto de 2022, como mostra a placa que fica ao lado do prédio. Não foi atendido. Uma nova licitação foi protocolada pela Superintendência do Espaço Físico (SEF) da USP, e o prazo foi estendido até 9 de setembro deste ano. “A obra está andando, vai atrasar, a gente sabe. Mais uma vez, esse prazo não poderá ser atendido. Estamos com mais ou menos 40% finalizada, tem coisas que não entraram neste contrato”, explica um dos funcionários da Harus Construções, que preferiu não ser identificado com medo de represálias.

O JC visitou o bloco e conversou com duas fontes envolvidas na obra, que confirmaram as declarações. Os três atribuem o atraso tanto à ocupação estudantil realizada por 3 meses no decorrer da reforma quanto à falta de matéria-prima após o retorno da pandemia. Eles também defendem que a extensão do orçamento se deu em virtude da atualização da planta da obra a pedido do fiscal da obra, funcionário da SEF. O projeto conta com apartamentos adaptados para pessoas com deficiências em três dos seis andares do bloco, além de cozinhas e lavanderias em cada apartamento e sala de estudos que inclui banheiro unissex.

“Nós sabemos da importância deste espaço para os estudantes, mas atrasos e mudanças acontecem, faz parte de obras públicas. O problema também é mão de obra. Precisariamos de umas 15 pessoas, mas diariamente temos apenas oito”, relata uma das fontes ligadas à obra. Para os pedreiros, alguns dos motivos que explicam essa situação é o regime de trabalho diarista e a ausência de benefícios, que torna o trabalho pouco atrativo em comparação a outras obras na cidade.

Por dez vezes, via telefone, e-mail e presença física, o JC procurou a SEF, o fiscal da obra e o supervisor, que ficaram de entrar em contato. Nenhum deles respondeu até a publicação.

REPORTAGENS ANTERIORES

Alunos do CRUSP ganham tempo para se mobilizar em meio à reforma

22 de setembro de 2021

Fogo destrói apartamento no Bloco G do CRUSP

10 de outubro de 2017

Disponíveis no Jornal do Campus on-line www.jornaldocampus.usp.br

“Arma na FFLCH não foi falha de segurança”, diz especialista

Um agente da GCM que acompanhava o influenciador Lucas Pavanato ameaçou estudantes com uma arma

MARÍLIA MONITCHELE [REPORTAGEM]

Em agosto, um agente da Guarda Civil Metropolitana (GCM) de São Paulo ameaçou estudantes da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP com uma arma.

O homem não estava no exercício de sua função oficial e acompanhava o influenciador digital Lucas Pavanato, que é suplente de deputado estadual e disputou as eleições de 2022 pelo Partido Novo. O agente e Pavanato foram expulsos por

alunos e pela Guarda Universitária do campus e levados ao 93º Distrito Policial da Zona Oeste.

O episódio teve repercussão dentro e fora da USP, e levantou questionamentos sobre a segurança dos campus universitários. O JC conversou com Leandro Piquet, especialista em segurança pública e professor do Instituto de Relações Internacionais da USP para saber se houve falhas de segurança e o que a Universidade pode fazer para que eventos semelhantes não se repitam.

De acordo com Piquet, a USP tem um bom sistema eletrônico de monitoramento, além do auxílio da Guarda Universitária e de agentes da Polícia Militar. O Campus do Butantã, onde a confusão se deu, não apresenta altos índices de criminalidade e pode ser considerado um espaço relativamente seguro.

“O caso da FFLCH foi um evento diferente, não foi falha de segurança”, disse. “Tem a ver com as tensões políticas do país. Um ato de provocação que culminou em um ato de violên-

cia. Mas nesse caso, apenas mais policiamento não resolveria. Foi um ato inédito e imprevisível que nada tem a ver com falta de segurança”.

Apesar disso, Piquet acredita que a USP poderia adotar novos protocolos de segurança que contribuam para uma resposta mais veloz a esse tipo de situação. “Uma opção seria apostar em iniciativas de integração e comunicação entre diferentes instituições e setores, algo que a Universidade ainda deixa a desejar”, sintetiza.

O caso da FFLCH foi um evento diferente [...] Tem a ver com as tensões políticas do país

Leandro Piquet, especialista em segurança pública

UNIVERSIDADE NO MUNDO

A internacionalização para além do intercâmbio

USP aposta em atividades culturais para ampliar o contato com outros países sem envolver mobilidade acadêmica

MELANNIE SILVA E RICARDO THOMÉ
[REPORTAGEM]

O ensino superior brasileiro ainda engatinha em termos de internacionalização. De acordo com o MEC, os estrangeiros representam 0,2% do total de matriculados nas universidades. É um índice muito abaixo de países, como o Reino Unido, onde estudantes de outras nações compõem algo em torno de 20% do alunado, conforme relatório da UUKi (Universities UK international). A USP é o principal destino de quem escolhe o Brasil: são 1.397 alunos de fora do país (2% do total da Instituição) e 2.991 estudantes no exterior (5% do total), segundo a Aucani (Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional). A Universidade tem 1.042 acordos vigentes com instituições estrangeiras.

A internacionalização é um dos lemas da universidade e tem sido uma das principais pautas da atual gestão. Mas como ela tem funcionado na prática?

A INTEGRAÇÃO NO CAMPUS

São três linhas principais: foco nos intercâmbios Sul-Sul, acolhimento aos estrangeiros por meio do programa iFriends e estratégias de internacionalização que não envolvam, necessariamente, mobilidade acadêmica. A Aucani oferece desde cursos de idiomas, passando por programas de integração até atividades culturais.

“No Centro Intercultural Internacional (CII) temos aulas de yoga, dança coreana, caligrafia israelita, rodas de conversa em inglês, abertas a toda a comunidade USP” explica Marly Babinski, professora do Instituto de Geociências e diretora adjunta da Área de Relações Acadêmicas Nacionais. “Temos a ideia de internacionalização como a experiência do intercâmbio, mas todas essas atividades são importantes para se aprofundar em outros idiomas e culturas”, complementa Paulo Braz, professor da Faculdade de Odontologia e Diretor Adjunto da Área de Mobilidade Acadêmica.

O QUE É O USP IFRIENDS?

Outra iniciativa é o USP iFriends, programa voluntário criado pela Aucani em 2011 que tem como objetivo promover a integração entre os estudantes estrangeiros e os

“Temos a ideia de internacionalização como a experiência do intercâmbio, mas todas essas atividades culturais e de línguas são importantes”

Paulo Braz, Diretor Adjunto da Área de Mobilidade

uma rede de contatos que os intercambistas possam contactar”, sugere.

Nesse sentido, Denis aponta que o iPoli teve um impacto positivo na sua chegada. Ele não falava português e foi na organização que foi apresentado à cidade, à Universidade e a outros intercambistas, além de ter recebido auxílio para ir atrás de moradia. “As pessoas que me deram informações a respeito disso foram do iPoli, falando sobre segurança e localização nas proximidades da USP”.

Helen relata a importância da experiência de imersão na USP. A intercambista destaca o aprendizado sobre “temas que o Norte Global ainda não tratou ou não entendeu”.

COOPERAÇÃO SUL-SUL

A “Cooperação Sul-Sul” é uma ideia de colaboração mútua iniciada após a Guerra Fria que ajudaria os países latino-americanos, africanos e asiáticos a superarem o estágio de “subdesenvolvimento” tecnológico. Dentro da universidade, isso consiste em priorizar o intercâmbio de ideias e de pessoas entre os países do chamado “Sul Global”.

Uma das formas de incentivo tem sido a oferta de editais de bolsa exclusivos para esses destinos. O Professor Braz reforça que as boas posições da USP nos rankings internacionais têm aumentado o interesse desses países em fechar convênios. Denis confirma esta realidade e diz que sua motivação para vir era entender por que a USP estava no topo do ranking: “Terminei entendendo o porquê. O Brasil está muito acima [do Peru e da Colômbia], especialmente na área de pesquisa dentro da universidade, tem muito apoio”.

A maior parte dos intercambistas que vem até a USP é de países sul americanos, mas o inverso ainda não é uma realidade. “Temos que deslocar o ‘sol’ da Europa. Tanto por uma questão geográfica – nós [do Sul] temos problemas parecidos e podemos achar soluções parecidas –, mas também pelo financeiro. O valor da bolsa que cobre apenas parte dos gastos de um intercâmbio para Europa custeava a vivência em um país latino”, explica Braz.



locais. A inscrição ocorre pelo sistema Júpiter e permite que os intercambistas e os u-pianos acrescentem algumas características de sua personalidade, além de dados pessoais e disponibilidades de ajuda.

Para muitos, o iFriends foi essencial para o primeiro contato com a universidade. Denis Alfente, estudante peruano de engenharia química, relata a importância do apoio: “Ano passado, estive na Colômbia também fazendo intercâmbio. Lá não tem esse programa, nem o iPoli (Escritório Politécnico Internacio-

nal). O mais difícil de ir para um lugar novo é saber onde se vai passar os primeiros dias e ter segurança, então é muito importante estabelecer uma conexão”.

Apesar de útil, o iFriends não resolve todos os problemas de quem vem para o Brasil pela primeira vez. “É difícil ter noção da distância, de como buscar um quarto ou de onde é seguro”, comenta Helen Gremlitz, que veio da Alemanha já falando o português e estuda ciências culturais e políticas. “Isso é algo que pode ser evitado facilmente através de

1



A pesquisadora busca contribuir para políticas públicas voltadas aos povos indígenas

▶ SAÚDE INDÍGENA

Pesquisadora analisa estigma do HIV entre os Guarani-Kaiowá

Indianara Machado, primeira indígena mestra da Medicina da USP, investiga a percepção sobre o vírus e sua relação com a alta mortalidade na etnia

CAROLINE SANTANA, LÍVIA LEMOS
E YASMIN ARAÚJO [REPORTAGEM]

A formatura da primeira indígena mestra pela Faculdade de Medicina (FM) da USP mereceu reportagens e repercussão dentro e fora do campus. Seu trabalho acadêmico, porém, foi pouco noticiado. A pesquisa de Indianara Ramires Machado toca em uma ferida aberta, mas pouco visível: a “Análise interdisciplinar e intercultural sobre as pessoas vivendo com Vírus da Imunodeficiência Humana e a Síndrome da Imunodeficiência na população Guarani da Terra Indígena de Dourados em Mato Grosso do Sul” se volta para os impactos do vírus da imunodeficiência humana (HIV) na comunidade indígena Guarani-Kaiowá.

De acordo com dados do Distrito Sanitário Especial Indígena de Mato Grosso do Sul (DSEI-MS), nos anos de 2018, 2019 e 2020, foram registrados 19 óbitos de indígenas que viviam com o vírus no estado. Desses, 16 pertenciam à comunidade

Guarani-Kaiowá. O objetivo da análise da mestra é entender de que forma a alta ocorrência e letalidade do HIV nas aldeias indígenas assumem significados diferentes na visão biomédica e indígena. Diante disso, a pesquisa busca colaborar para um aperfeiçoamento de políticas públicas e programas de saúde em situação de interculturalidade, como uma maneira de melhorar os índices, por exemplo, da alta taxa de mortalidade.

Para a realização de seu estudo, a pesquisadora reuniu 12 indígenas portadores do vírus na comunidade Guarani-Kaiowá. A seguir, realizou análises qualitativas por meio de um questionário padronizado que incluíam informações sociodemográficas e de comportamento sexual.

O resultado revelou que existe uma grande estigmatização da doença por parte do povo, o que impacta diretamente em seu tratamento: “Uma das questões que discutimos na dissertação é sobre o tratamento e o fato [do paciente] de não querer tomar o remédio. Há uma nega-

ção da doença dentro da cosmovisão da comunidade.”

A COSMOVISÃO GUARANI

Embora o povo Guarani-Kaiowá reconheça o HIV como um vírus sexualmente transmissível e possivelmente letal, na cosmovisão da etnia, a doença carrega uma simbologia de um mal ou feitiço que cai sobre o portador.

Esse estigma em torno da doença contribui para a morte social da pessoa infectada pelo vírus, uma vez que o indivíduo passa a ser excluído da coletividade: “Vimos um caso em que a família morava numa casa e a pessoa portadora morava em um barraco ao lado, porque ela era vista como uma ameaça para os parentes”, explica Indianara.

Além do isolamento, os portadores são proibidos de participarem de momentos em comunidade, como tomar tereré, uma prática comum do povo indígena.

O medo da exclusão social, somado à vergonha de receber o diagnóstico, contribui para que o indivíduo não procure ajuda médica. A consequência, de

acordo com a pesquisadora, é a dificuldade de identificar a condição médica, o que acarreta na alta taxa de mortalidade – uma vez que a falta de diagnóstico impossibilita o tratamento. “Muitas pessoas que possuem HIV vivem por 60 ou 70 anos. Na comunidade, elas não chegam nem a 10 anos por falta ou abandono do tratamento”, diz a mestra.

A PRIMEIRA EM 110 ANOS

A conquista de Indianara Machado abre portas para a discussão a respeito de acesso, diversidade e representatividade dentro da universidade. Em 110 anos de existência, somente agora a primeira indígena se formou mestra pela faculdade.

A pesquisadora afirma que se mantém positiva em relação à presença de mais parentes – referência aos demais indígenas da sua comunidade – na universidade. Para isso, ela destaca a necessidade de investir em políticas afirmativas e de permanência: “Precisamos pensar em iniciativas dentro da universidade, para minimizar a discriminação”.

Antes de eu ingressar na faculdade, houve uma grande luta das lideranças e de pessoas que me antecederam. Agora, eu busco deixar minha contribuição para aqueles que vêm depois de mim

Indianara Machado, mestra em enfermagem pela USP

▶ DIVERSIDADE

Patente da USP contribui com proteção solar da pele negra

Instituto de Química registra ingrediente essencial para um produto de cuidados da pele, mas ainda ignorado pelo mercado

GABRIELE MELLO E LAISA DIAS [REPORTAGEM]

Pesquisadores do Instituto de Química (IQ) da USP tiveram concedida uma patente de invenção pela criação da nanossílica revestida com melanina. O nome complicado descreve um ingrediente para a proteção solar da pele negra — que sofre com a carência de produtos que atendam às suas necessidades.

A nanossílica é um silicato natural como a areia. “Com uma camada de melanina, ela adquire a função de proteção solar especialmente contra raios UVA e luz visível, responsável pela claridade”, explica Maurício Baptista, um dos pesquisadores responsáveis pela invenção e professor do IQ-USP. Esse fator faz diferença para pessoas negras, cujos tons de pele já possuem mais proteção contra outro espectro da luz solar, o UVB.

Explicando melhor: o tal “fator de proteção solar” dos produtos no mercado diz respeito justamente à proteção contra UVB, conhecido por causar queimaduras. Ou seja, serve pouco para a pele negra. “A melanina gera uma proteção que não funciona contra UVA e luz visível”, diz Maurício. Agências internacionais e nacionais, como a Anvisa, determinam que os voluntários aptos aos testes de protetor solar tenham pele dos tipos 2 e 3 da classificação de Fitzpatrick, ambas brancas. “O correto é irradiar com uma fonte que imita o sol por inteiro, não apenas o UVB”, relata o pesquisador.

Maurício destaca que para o desenvolvimento de um protetor solar adequado para peles negras é preciso mudar a cultura de testagem. Os testes

atuais usam a classificação de Fitzpatrick, com 6 fototipos divididos por tons, sensibilidade ao sol e capacidade de bronzeamento. Daí a importância do “pozinho” desenvolvido pelo IQ. Porém, ele ainda é uma tecnologia inicial que precisa ser vista por empresas do ramo e abraçada para testes, até se tornar um produto final.

Para a patente virar um produto que preencha as prateleiras de alguma loja, ainda é necessário um “aprimoramento, com mais detalhe e sofisticação”, como a escolha do meio em que ele vai ser utilizado — um creme, um spray, ou outros produtos com definição de aspectos químicos como a cor —, explica Maurício. Ou seja, seu uso ainda depende de um produtor final, que abrace um dos maiores mercados do Brasil.



Famílias negras investem **29,8%** de sua renda em produtos de higiene e beleza

106

dos 110 fabricantes de protetor solar no Brasil, apenas 4 têm opção para pele negra

4

FONTE: NIELSENIQ

▶ PARAPSIKOLOGIA

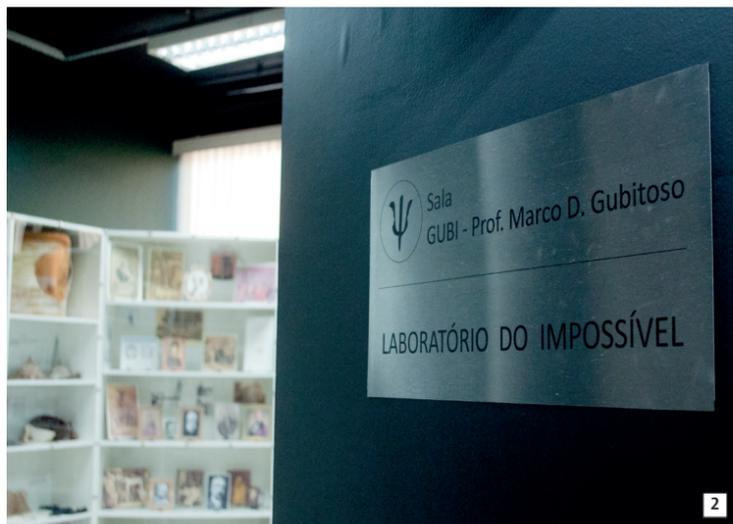
BOCA COSTURADA? CORPO COM AGULHA? LIVRO SATÂNICO? MUSEU DA USP INVESTIGA O EXTRAORDINÁRIO

Aberto há pouco mais de um ano, Laboratório do Impossível analisa crenças e promove pensamento crítico

MARIANA ZANCANELLI [REPORTAGEM]

Um sapo com a boca costurada, agulhas que surgiram dentro do corpo de uma pessoa e um livro com rituais satânicos — esses são apenas alguns dos itens expostos no Laboratório do Impossível, que fica no coração da Cidade Universitária, em frente ao antigo Cinusp. Explorando superstições populares, fatos inexplicáveis, religiões, ilusionismo e ciência, o visitante é convidado a investigar a conexão entre crença e conhecimento.

O local conta com o Museu da Crença, da Dúvida e da Cultura de Paz, onde fica a exposição, uma biblioteca com mais



Acervo do museu inclui objetos queimados, talheres entortados e muitos livros

de 15 mil volumes e o Centro de Documentação e Memória, que abriga arquivos e material filmográfico. O acervo do Laboratório é formado em sua maioria por doações do antigo Centro Latino-Americano de Parapsicologia, originalmente fundado pelo Padre Quevedo (1930-2019). A coleção reúne obras científicas, conteúdo religioso e muitos relatos enviados pela população para a equipe do padre, que investigava experiências sobrenaturais.

A proposta do projeto é incentivar reflexões sobre a tolerância diante das diferentes crenças e reforçar a importância da desconfiança, especialmente diante da proliferação das desin-

formação. “Apesar do caráter lúdico do museu, há um interesse no desenvolvimento do pensamento crítico do visitante, que é o carro-chefe do Laboratório”, explica Wellington Zangari, um dos coordenadores do InterPsi, grupo responsável pelo espaço.

COMO VISITAR

Rua do Anfiteatro, 181, favo 5, na Cidade Universitária. Agendamento no site interpsi.org.

► CINEMA E ARTE

ESCOLA POLITÉCNICA, mas pode chamar de centro de artes

Alunos da unidade criam grupos que vão do teatro à dança.
Práticas artísticas também ocorrem na FFLCH

EMANUELY BENJAMIM E LORENA CORONA
[REPORTAGEM]

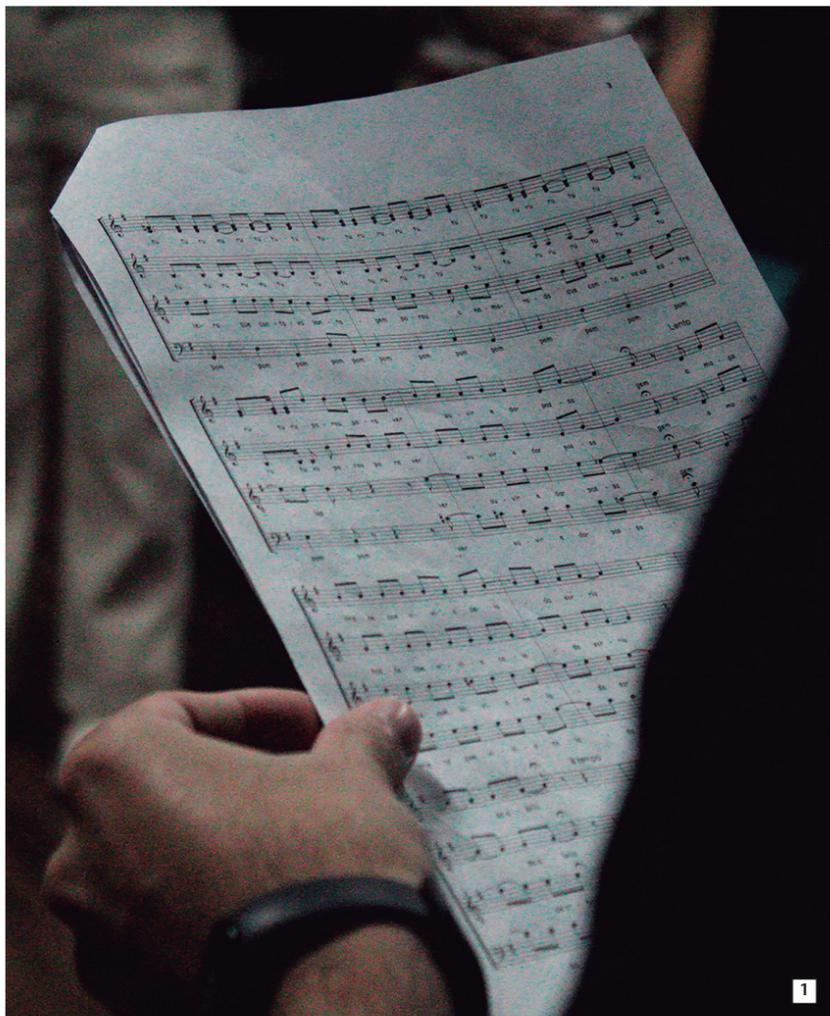
As artes são importantes para a USP. Tanto que o “A” de ECA sinaliza o espaço que a área tem nas Humanas. Mas não só. Na USP, alunos participam de coletivos culturais voltados para o teatro, dança ou canto. Esses grupos, que permitem o desenvolvimento de habilidades artísticas e o cuidado com a saúde, estão presentes em todo o campus, inclusive nos institutos mais surpreendentes.

A insuspeita Escola Politécnica (Poli) é lar de diversos grupos artísticos: Poli Dance, que promove aulas de cinco tipos diferentes de dança, Teatro da Poli, que realiza apresentações teatrais abertas à comunidade USP, e o Acappolli, que é um grupo de canto acappella fundado em 2014 pelo ex-aluno André Murino. Livre para alunos de todos os institutos, o coletivo surgiu com o objetivo de ser um espaço de descontração do estresse e da pressão da faculdade.

Para o mestrando em engenharia biomédica André Kim Chan, que ingressou no grupo em 2018, o Acappolli proporciona maior integração entre os estudantes e um acolhimento nem sempre disponível na Universidade, além de desenvolver a percepção musical dos integrantes.

“O contato com a arte traz um respiro em meio à rotina que, muitas vezes, é pesada e cansativa. Através dela, os alunos podem se desligar e relaxar. Eles podem se sentir acolhidos e à vontade para ser quem são”, diz o mestrando. “Como não temos um regente, precisamos criar conexões para cantar uma música de forma coesa. É uma oportunidade para fazer novas amizades e frequentar outros ambientes”, contou.

A percepção de Kim Chan é semelhante à de Geovana Rocha, estudante de Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), que participa das aulas de dança do ventre oferecidas pela Atlética. “É algo relacionado ao prazer e aprendi-



A dança é muito restrita a mulheres cis. Isso é comum, mas é esperado que ela seja aberta a todo mundo, sejam homens, pessoas trans e pessoas não binárias

Maria Zanatta, professora de dança contemporânea da FFLCH

zado genuínos. Quando entrei na USP, me vi em um ambiente muito competitivo e agressivo de certa forma, não conseguia me ver boa em nada. Ao entrar na dança, percebi que não estou sozinha e que não é necessário ser excepcional em tudo.”

Fundado em 2022, o grupo de dança da FFLCH abarca seis estilos diferentes: ballet, contemporâneo, dança do ventre, lindy hop, jazz e danças urbanas. Maria Zanatta, aluna do curso de Ciências Sociais e professora de dança contemporânea, aponta que a faculdade oferece uma abordagem estritamente teórica sobre a arte e que o coletivo reduz a distância entre os estudantes e a prática.

“As aulas são gratuitas, mas pedimos que quem tem condições contribua para algumas melhorias. Já conseguimos comprar um espelho e barras para o balé”, conta Zanatta. “É muito difícil achar um espaço para receber aulas de dança na USP, pois é um ambiente muito mais intelectual do que voltado para as práticas físicas.”

Você conhece os cineclubes da USP?

Além do Cinusp, alunos promovem alternativas gratuitas para quem quer filmes no Campus Butantã

ANA MÉRCIA BRANDÃO [REPORTAGEM]

CinIME (@camat.usp)

O CinIME existe desde 2013, mas foi interrompido em 2020 durante a pandemia de Covid-19. Em 2022, o projeto foi recuperado por um grupo de estudantes do Centro Acadêmico de Matemática, Estatística e Computação (CAMat).

Segundo Thiago Guelfi, um dos organizadores, a proposta é “exibir filmes que talvez não fossem assistidos em outro local, especialmente aqueles que não tem projeção comercial”. Entre as obras já exibidas estão longas como *Drive My Car* (2021), *12 Macacos* (1995) e *Pearl* (2022). A pipoca e o refrigerante são por conta da casa.

COMO ASSISTIR: as exposições ocorrem toda sexta-feira na sala B05 do Instituto de Matemática e Estatística (IME), às 14h ou às 16h.

CineFarma (@cafbusp)

Organizado pelo Centro Acadêmico de Farmácia e Bioquímica (CAFB), o CineFarma é a retomada pós-pandêmica de um projeto já existente em gestões anteriores do CAFB. O retorno aconteceu em junho de 2023.

Camila Hiraishi, diretora de marketing do CAFB, explica: “A ideia de reviver o CineFarma veio da vontade do CAFB de proporcionar aos alunos um tempo para respirar, descontração e lembrar que a faculdade não é só sobre se estressar com prova e trabalho”. Aqui, a pipoca também é de graça.

COMO ASSISTIR: exposições a cada dois meses, no auditório verde do bloco 13A da Farmácia, o único com acesso liberado a toda a USP, já que os outros exigem digital para entrar.

Cineclubes Vânia Debs (@cineclubevaniadebs)

Organizado por alunos do departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR), da Escola de Comunicações e Artes (ECA), o Vânia Debs surgiu da vontade dos alunos de usufruir dos espaços que o CTR oferece para ter contato com obras que não fazem parte da grade curricular do curso de audiovisual.

Além de exibir os filmes, o clube de cinema promove um debate sobre o que foi assistido ao final de cada sessão. Bryan Marquini, um dos membros, considera esse “o espaço perfeito para discutir filmes, conhecer novas pessoas e visões sobre diferentes campos”.

COMO ASSISTIR: as exposições ocorrem às terças, 14h30, e às quartas, 19h30, no auditório A do CTR.

► UNIVERSITÁRIOS OLÍMPICOS



1

DA SALA DE AULA À GLÓRIA ESPORTIVA

Atletas olímpicos e profissionais passaram pela vida uspiana. Conheça dois deles

OSMAR NETO E SOFIA LANZA [REPORTAGEM]

É dentro da Universidade, por meio das Atléticas, campeonatos universitários, atividades do Cepeusp ou simplesmente numa corrida pelo campus, que muitos alunos têm a oportunidade de ter contato com o esporte ao longo de sua experiência acadêmica. Para um seletor grupo, essas atividades serviram como porta de entrada para uma carreira esportiva profissional.

As quadras da USP foram e continuam sendo o berço de grandes atletas brasileiros. Maria Lenk (primeira mulher sul-ame-

ricana a ir para as Olimpíadas), Amaury Passos (bicampeão mundial de basquete), Maria Hackrott (medalhista pan-americana de barco a vela) e até Sócrates (um dos maiores jogadores da história do Corinthians, formado em Medicina pela USP de Ribeirão Preto), são alguns dos nomes que passaram pelos campi. E a lista continua a crescer, não só entre ex-alunos mas também graduandos na Universidade.

Nem sempre conciliar estudo e esporte é fácil. Mariana Franco, jogadora do SKA Brasil, time de futebol profissional, diz que a “vida dupla” requer muito esfor-

Se alguém tem o desejo de conciliar estudos e esporte, saiba que é possível

Mariana Franco, estudante da USP e jogadora do SKA Brasil

ço. “Em uma terça-feira eu tive um jogo lá em Taubaté e uma prova de anatomia de manhã. Então eu fui para a faculdade, fiz a prova e sai direto para pegar o ônibus. Não é fácil, são vários deslocamentos e a necessidade de estudar no ônibus voltando de jogo”, conta a atleta, que atualmente cursa o 1º ano da graduação na Escola de Educação Física e Esporte (EEFE).

Douglas Vieira, primeiro judoca brasileiro a chegar em uma final olímpica – conquistou a prata nos Jogos de Los Angeles em 1984 –, relata que teve grande apoio de sua faculdade.

“Estudava na Educação Física, quando fui convocado estava no 4º ano. Um dos professores de judô, Carlos Catalano, falou ‘vai lá, tranca sua matrícula e se dedica ao judô nesse semestre’. Foi o que eu fiz: fui para as Olimpíadas, estendi o curso em 1 ano e me formei”, afirma.

Tanto Mariana quanto Douglas ressaltam a importância de cursar a faculdade, seja pelas próprias experiências universitárias ou por ampliar suas perspectivas e adquirir conhecimento. “Comecei a ter uma visão mais ampla e até mais crítica sobre algumas situações dentro e fora de campo que envolvam o futebol. Passo a entender alguns aspectos do jogo que, como atleta, às vezes você acaba fechando os olhos”, diz Mariana.

Ter uma graduação é também uma espécie de plano B para a instabilidade existente na carreira esportiva. Para o futebol, a idade limite está na casa dos 40 anos – isso se a trajetória não for abreviada por uma lesão séria. “Estou fazendo uma faculdade dentro daquilo que eu amo, que é o esporte e o futebol. Se eu continuar jogando, o curso é algo que vai me agregar. Se por alguma razão eu parar, vou continuar vivendo a minha vida dentro do esporte. Talvez de outra maneira, atuando como outro tipo de profissional, vivendo dentro daquilo que eu gosto”, finaliza.



Mariana Franco, campeã da Divisão Especial do Campeonato Paulista de Futebol Feminino

2

Enfim, o obituário do Chico

JULIA MAGALHÃES E LAURA PEREIRA LIMA [TEXTO]
THAÍS HELENA MORAES [ARTE]

A euforia da volta às aulas presenciais foi ofuscada por uma notícia trágica que emudeceu o Instituto de Biociências (IB) da USP: Chico morreu.

Aos 18 anos de idade, Chico já vivera tudo que o Instituto tinha a oferecer. Ou melhor, quase tudo. Não costumava frequentar muito as aulas — não tinha disciplina para ficar sentado e quieto por longas horas —, mas, quando entrava na sala, tornava-se instantaneamente a sensação. Talvez por causa de seu andar torto e desajeitado, ou talvez porque insistia em usar a mesma roupa vermelha durante todo o inverno.

Comia no bandeirão sempre que podia, mas seus colegas estranhavam ao ver seu prato cheio de carne — sempre preferia proteína. Os hábitos alimentares de Chico deixariam qualquer vegetariano assombrado, e seus costumes noturnos escandalizavam os mais puritanos. Até as bromélias sabiam que Chico gostava de se aventurar pelas noitadas do campus, diziam até que ele tinha filhos espalhados por todos os institutos. Nunca chegou a assumir a paternidade de nenhum deles, o que certamente lhe traria imbróglis na justiça — se ele não fosse um cachorro.

Chico era o famoso vira-lata com a genética caramelo. Ele foi o veterano de muitos biólogos e protegia lealmente o IB e os funcionários do instituto, seus principais companheiros. “Chico era meu irmão”, diz Fabrício, guarda do laboratório Sobre as Ondas desde 2015. Até mesmo quem não era do Instituto de Biociências cuidava da saúde e da alimentação do Chico, como os alunos da veterinária e a equipe do bandeirão, que guardavam as sobras do dia especialmente para ele.

Chico chegou ao Campus junto com a reforma do prédio da administração do IB, em meados de 2004. Tinha algo em torno de dois anos. Ninguém sabe se era o cão de algum dos pedreiros ou se apenas insistia em segui-los pela Cidade Universitária. Quem o visse pelo campus não suspeitaria que era um cão abandonado; ele estava sempre usando uma coleira marrom com os números de telefone dos laboratórios Sobre as Ondas e da Botânica, suas casas principais.

Chico teve vários donos: “Falam que cachorro com mais de um

dono morre de fome, não foi o caso dele, Chico foi muito bem cuidado aqui”, conta Shao, biólogo que conheceu o cão em 2014. Além dos funcionários e alunos, ele foi muito amado por uma visitante recorrente do IB. Entusiasta de piqueniques há 18 anos. Ela cuidou tanto de Chico a ponto de se endividar. Nos últimos momentos do cão, ela foi uma das primeiras a ser avisada sobre o estado crítico. Levado ao veterinário, o popular vira-lata não resistiu; morreu de velhice — ou talvez de saudade do agito das aulas presenciais.

Embora tenha sido um cachorro amável e viciado em carinho, Chico já foi vítima de pauladas e atropelamento. “A pancada que ele levou nas costas afetou o labirinto, ele estava andando torto. Até achamos que o quadro não ia normalizar, mas acabou, graças a Deus, revertendo”, afirma Fabrício.

Chico foi só mais um dos diversos cachorros deixados no Campus. “Se não fosse por esse abandono, a gente não teria conhecido Chico. Mas acho que a gente não pode se debruçar sobre essa hipótese e deixar as pessoas passarem pano no que elas fazem”, diz Shao. O abandono

de animais afeta também a fauna do campus. Cachorros são naturalmente predadores e atacam animais menores. A chamada “matilha negra”, um grupo de seis a sete cães pretos que vivem na Rua do Matão, é o principal exemplo desse desequilíbrio ambiental. Eles foram abandonados, se reproduziram rapidamente e se alimentam de pequenos mamíferos. “Eu acho que a Universidade poderia ter um viveiro. Seria uma forma de conseguir acolher os animais que ainda são jogados aqui e castrar adequadamente”, comenta Shao sobre uma possível solução.

Chico era protetor, feliz e amado. Há três anos, ganhou uma placa na frente do seu jardim favorito: “Chico, mascote do IB, partiu no dia 01/06/2020, deixando saudades. Amigo, companheiro, ficará para sempre na memória de quem o conheceu. Descanse em paz, velhinho”. Agora, Chico também tem um obituário.

